

LENDO MANUEL ANTÓNIO PINA: “É O INFALÁVEL QUE FALA”

ALEXANDRE DA SILVA RODRIGUES*
MARIA CRISTINA FIRMINO SANTOS**

RESUMO

Este trabalho se dedica a observar a poética de Manuel António Pina no confronto bifronte dos contextos modernista e pós-modernista. Alguns dos tópicos metapoéticos pertinentes para a obra deste autor, e que se pretende investigar, são: a consciência de que chegamos tarde à literatura, de que tudo já foi escrito, mas que, ainda assim, é impossível que o poeta se cale, e a percepção da poesia como revolução/revelação com/contra a pluralidade do *eu*.

PALAVRAS-CHAVE: Manuel António Pina; metapoesia; Modernismo; silêncio criativo.

1. NOTAS INTRODUTÓRIAS

O destacado escritor e jornalista português Manuel António Pina (1943-2012) produziu uma vasta e diversificada obra literária em termos de gêneros e de público (adulto e infanto-juvenil). Trata-se de um escritor de grande relevância no cenário da literatura de língua portuguesa, também traduzido a diversos idiomas.

Seu trabalho se reveste de uma consciência de que chegamos tarde à literatura, de que tudo já foi escrito, impasse criativo de referência possível ao designado Pós-Modernismo. É, porém, do Modernismo¹ que ele retira suas temáticas principais, incluindo a suspeita de que aquilo que a poesia costuma chamar de *eu* não é mais que um nome coletivo e polifônico, e sobretudo a percepção de que o escritor de seu tempo se vê frente a – ou em – um abismo entre o silêncio por tudo já haver sido dito e a necessidade do poeta de não se calar. Sua obra assume, assim, como ressalta Inês Fonseca Santos (2004), um caráter fortemente (auto-)reflexivo.

* Mestrando no curso de Criações Literárias Contemporânea da Universidade de Évora / UEVA, Évora, Portugal.
E-mail: rodriguesalexandre@yahoo.com

** Professora do Departamento de Linguística e Literaturas da Universidade de Évora / UEVA, Évora, Portugal.
E-mail: mfsantos@uevora.pt

¹ No presente trabalho, o termo Modernismo estará sempre referido ao Modernismo português, exceto se diferentemente indicado.

O presente ensaio se dedica, logo, a pensar a Modernidade, no sentido amplo do pensamento Moderno, tratar de algumas características do momento/movimento literário conhecido como Modernismo, e compreender como Manuel António Pina, como parte dessa envergadura, compartilha de várias dessas características. Também relevante é refletir sobre como a obra de Manuel António Pina, escrita várias décadas após o primeiro movimento do Modernismo, retoma uma percepção tão semelhante no que tange à poesia como revolução/revelação, como o impasse entre calar e falar. Observaremos, para tal, alguns trechos de obras do autor, as percepções de alguns estudiosos, bem como declarações de Manuel António Pina dadas em entrevistas.

2. MODERNIDADE E MODERNISMO: APROXIMAÇÕES

Não é raro que se confunda o termo *moderno*, já tão enraizado em nossa linguagem, com o termo *contemporâneo*. No entanto, quando se fala no desenvolvimento e caminhar do pensamento humano, a que se refere como Modernidade? Antes mesmo desse questionamento, talvez se possa indagar: o que define a passagem de um período de pensamento a outro?

Toda a composição da forma de pensamento humano – e suas manifestações e implicações – está relacionada ao contexto sociocultural, econômico e político em que está inserido, uma vez que o conhecimento de si mesmo e do mundo está diretamente ligado à linguagem – esta considerada aqui no sentido amplo de pensamento, de *logos* (GADAMER, 1992). Assim, pensar a transição de uma fase do pensamento humano a outra é refletir sobre os aspectos todos de sua sociedade que vivenciaram transformações nas suas formas de (co)existir.

Alguns dos primeiros passos em direção a uma consciência Moderna estão relacionados ao início do estabelecimento da razão como forma autônoma de construção do conhecimento, já a desvincular-se dos preceitos teológicos. O evoluir e caminhar deste pensamento nos guia ao que se convencionou chamar de Iluminismo, uma construção ideológica muito desenvolvida e propagada no século XVIII que valorizava a busca pelo saber e a liberdade do pensar. A visão iluminista e os pensadores empiristas acreditavam que o conhecimento verdadeiro estava na experiência a partir dos sentidos, tendo a razão e a ciência sido estabelecidas como a forma verdadeira de se conhecer o mundo.

Com o caminho pavimentado para a Revolução Industrial ocorrida na Europa principalmente nos séculos XVIII e XIX, a alteração da forma de pensar o campo, a migração para as cidades e uma nova maneira de entender o trabalho, além de toda uma alteração no pensamento intelectual, é necessário entender que a estrutura social que havia existido até então se modificara. As relações humanas se alteraram, e costumes que antes se justificavam, nos mais variados aspectos, passaram então a não mais encontrar sentido, já que o pensamento tradicional, em muito relacionado ao caráter religioso, deixou substancialmente de ser a motivação e explicação central.

Face a este caminhar ideológico, e às características modernas de independência da razão, de progresso e de individualidade, a sociedade vê-se, a partir do século XX, diante de novas transformações no pensamento, através de insurreições contra totalitarismos, movimentos artístico-culturais questionando a ordem na arte e também a censura à arte, ou levantes de trabalhadores contra os abusos perpetuados. Estes novos movimentos nos fazem seguir rumo a novas características dentro da Modernidade, ou evoluções dos pensamentos já desenvolvidos, tais quais diversas reações à ditadura da razão e à ambição totalitária – nos seus mais variados matizes –, percepção da verdade como metáfora, e luta pela crença na convivência da (e através da) diversidade. É o que diversos estudiosos convencionam chamar de pensamento pós-moderno, termo este complexo e muito discutido, pois pode soar como um rompimento ou uma sucessão completa em relação à Modernidade, o que não necessariamente é totalmente verdadeiro, já que se assemelha mais a um desenvolvimento ou desdobramento dela.

Falar em Modernidade, como se pode perceber, é amplo, é complexo: é quase infinito. Trata-se mais de um conjunto de perguntas que de respostas. Interessante o título dado para um recente artigo do jurista Luís Flávio Gomes (2018) ao jornal *O Estado de S. Paulo*: “A modernidade já está acabando e ainda não chegamos nela”. O título parece resumir bem o caráter mutatório da Modernidade, levando-nos a considerar que uma das principais características da Modernidade é a própria mudança, o questionamento à mudança e a dialética sempre presente.

Ao pensarmos a literatura portuguesa levando em consideração a envergadura do acima exposto, é mister relevar que o início do século XX foi marcado por uma verdadeira “revolução poética, sem paralelo na história literária portuguesa” (LOURENÇO, 2016c, p. 145), alterando as relações do poeta com a poesia. Isso, fortemente, nota-se nos escritos

dos jovens Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro e Almada Negreiros que, nos idos de 1915, com o lançamento da revista *Orpheu*, trouxeram não apenas uma nova maneira de pensar a relação do poeta com a poesia, mas também a relação da poesia com ela própria. Tratou-se de um verdadeiro novo diálogo com a realidade, que reservou, segundo palavras de Lourenço (2016c, p. 145), “ [...] aos jovens de *Orpheu* inventar o caminho e a bússola. A ‘selva escura’ eram eles e o mundo inteiro, sem Virgílio algum para os conduzir.”

Este movimento tomou os questionamentos e a dialética que, como vimos, são parte constituinte do pensamento advindo das transformações da Modernidade, e os alçou a um voo nunca antes verificado na literatura do mundo lusófono. Se, por um lado, em sua poesia verificamos características desse confronto de pensamento com tudo o até então posto, por outro lado, percebemos que tais aspectos transcendem a um nível diferente do até então verificado. Como diz Andresen (2004, p. 9), evocando Fernando Pessoa, em seu poema “Cíclades”: “Viveste no avesso/ Viajante incessante do inverso”, trazendo à luz essa percepção da inversão ou reconsideração de tantos questionamentos dantes – e mesmo no tempo de Pessoa – apresentados.

Com *Orpheu*, saímos de um drama do poeta frente à realidade e seus interlocutores, e passamos a um drama da realidade ela-mesma. Se em movimentos anteriores – ou até posteriores – mesmo dentro de uma temática da Modernidade, o poeta se vê face a um mediador, e questiona a realidade através e com/contra esse mediador, em *Orpheu* o poeta se vê na ausência dele, diante de um abismo do questionamento ele-próprio. Se antes podemos pensar em um drama de alguém, e com/contra alguém, já nesta revolução passamos a um conflito de todos, mas ao mesmo tempo de ninguém em específico, a uma ausência absoluta, sendo ela mesma o grande questionamento. É neste sentido de voo sem asas, que Lourenço (2016c, p. 146) explicita que “Tudo o que eles tocam levanta voo à nossa frente. A poesia não vem *depois* do mundo, imagem tranquila, desesperada ou sublime desse mundo. O mundo que há é esse que o poema faz existir ou inexistir”: trata-se da poesia a criar e ser o seu próprio mundo.

3. MANUEL ANTÓNIO PINA: “O RESTO É SILÊNCIO”²

Na obra de Manuel António Pina, que veio a ser publicada a partir da década de 1970, várias décadas após o movimento inicial do Modernismo, também é possível verificar essa percepção da palavra a criar seu próprio mundo, ou da palavra e do mundo como coincidência de sentidos. É o que lemos, a citar, na entrevista dada por Manuel António Pina a Carlos Vaz Marques (PINA, 2007, p. 31):

As palavras fazem sentido por si mesmas. Não são um meio. Provavelmente não são um fim mas o sentido nasce das palavras e elas não são meras malas de transportar sentidos. As ideias nascem das próprias palavras e do carácter misterioso que elas têm. Milagroso, às vezes. De se aproximarem, de se afastarem e de fazerem sentido.

Percebe-se, como o próprio Manuel António Pina afirma também em entrevista, a herança pessoana presente em sua obra, já que, mesmo estando ela distanciada da obra de Pessoa em tempo, forma e destinatário, os dois se veem frente a uma “ardente experiência do Nada” (LOURENÇO, 2016c, p. 147). E como se dá esse encontro Pina-Pessoa e essa relação poética de *Nadas* que por vezes pode parecer tão distante? Declara Santos (2004, p. 18), que

[...] reside provavelmente no facto de a poesia de MAP³ assumir um pendor eminentemente reflexivo e auto-reflexivo, característica que permite não só aplicar à sua obra o termo poesofia, mas também aproximá-la de alguns poetas modernistas, como Sá-Carneiro e o Pessoa ortónimo.

Também, como é destacado por Lage (2016, p. 31), “O dilema central da poesia de Manuel António Pina é a congénita insuficiência da linguagem”. Ao que complementa: “A linguagem fica sempre aquém ou além do que nela se quer dizer, e esse desacerto é agora o que dizer mesmo, a fala que a poesia assume como sua prerrogativa”.

Vejam: se “Já não é possível dizer mais nada/ mas também não é possível ficar calado” (PINA, 2013, p. 12), o autor complementa que “A falta das palavras e do silêncio” é o que agora “fala finalmente sobre todas as coisas” (PINA, 2013, p. 80). Trata-se de uma experiência abismal perante o *Nada* criativo e/ou existencial do escritor, diante

² PINA, Manuel António. *Todas as palavras*: poesia reunida. Porto: Assírio & Alvim, 2013. p. 275.

³ Santos utiliza as iniciais MAP durante a obra para se referir a Manuel António Pina.

da dialética tudo/nada, da questão “Com que palavras e sem que palavras?” (PINA, 2013, p. 304).

É destacada fortemente na poética de Pina a importância da memória e do conjunto de tudo que fomos, fomos e somos como estrutura constituinte do ser. É que o vemos, por exemplo, em seu poema “Ludwig W. em 1951”, publicado na obra *Nenhuma palavra e nenhuma lembrança*, de 1999:

As palavras (o tempo e os livros que
foram precisos para aqui chegar,
ao sítio do primeiro poema!)
são apenas seres deste mundo
(2013, p. 232)

São apenas entes já presentes neste mundo o que Pina declara como necessários para a constituição do poema, para a reconstrução da realidade no poema expressa, para o desenvolvimento da poética do autor. Isso se pode relacionar com o que o teórico Mikhail Bakhtin (2013) destaca, tendo a poética de Dostoievski como tema, quando questiona o papel e a autonomia do próprio autor, sendo ele um conjunto múltiplo e polifônico de tudo e de todos que o formaram e formam. Manuel António Pina, que muitas vezes se utiliza da metáfora de seus gatos para falar do fazer poético, declara, também nesta direção, em seu poema “O segundo gato”, da obra *Os livros*, de 2003:

Em cada gato há outro gato
um pouco menos exacto
e um pouco menos opaco.

Um gato incoincidente
com o gato, iridescente,
caminhando à sua frente
(2013, p. 324)

É desse gato-poema plural que muito fala este autor em sua obra, essa “espécie de gato do gato” (PINA, 2013, p. 324), essa forma de outros no autor, e/ou do autor nos outros, problemática que abunda na obra de Pina. A busca que existe na sua poética, segundo ele declara em entrevista (PINA, 2007, p. 36), “[...] não é uma busca de qualquer coisa de novo. É uma busca de qualquer coisa que eu já sabia mas que não sabia que sabia. O poema é essa revelação”. Um pouco mais adiante na mesma entrevista, ao ser questionado sobre o verso “Hoje sei: escrevo/ contra aquilo de que me lembro” (PINA, 2013, p. 241), Pina nos clarifica:

no último livro que publiquei, *Os Livros*, isso está muito explícito – é o tentar descortinar, para lá da memória, para lá daquilo que a memória fez de nós, para lá da memória da própria linguagem, o que existe. Se é que existe alguma coisa, no fundo disso. Aquela voz inicial e pura, como também digo num poema, “não embaciada por nenhuma palavra e nenhuma lembrança” (PINA, 2017, p. 44).

Verificamos aqui uma busca muito própria e muito presente na poética deste autor: a busca pelo momento inicial da poesia, o momento do despertar da palavra. Ao mesmo tempo, é através dessa busca da revelação, e perpassando por toda a polifonia, por toda a pluralidade que ele entende ser inerente ao fazer da sua obra, que Pina se depara, de modo análogo – embora através de formas, conteúdos e destinatários diferentes – à experiência do *Nada* pessoana, à percepção do tudo já dito. Na obra de Manuel António Pina, esse encontro se revela como um encontro do poeta com seu silêncio, referência feita por Santos (2004) até mesmo no título de seu trabalho, ou quando explicita da obra deste autor a pronunciada alusão à insuficiência das palavras, que “[...] esmagam-se entre o silêncio/ que as cerca e o silêncio que transportam” (PINA, 2013, p. 11).

Ao tomarmos em consideração a visão de Eduardo Lourenço (2016c) de que *Presença*⁴ configurou-se em uma contrarrevolução face ao Modernismo, é no mínimo curioso refletir sobre o fato de que a poética de Pina, pós-presença, retoma questionamentos pessoanos de um momento de revolução em que a própria poesia, posta à prova, é pergunta e resposta – ou não pergunta para nenhuma resposta – em si mesma. Se Manuel António Pina trava uma revolução/revelação com/contra aquilo de que se lembra⁵, é através desse conjunto de lembranças formadoras de quem se é que nos conduz à ponderação de que aquilo que o poeta diz já foi dito, e de que é através desse silêncio pelo qual se poderia optar – mas que a poesia o obriga a evitar – que se luta pela utopia disso que “é o infalável que fala” (PINA, 2013, p. 231). Enquanto, em *Presença*, volta-se a um diálogo do poeta com/contra seus interlocutores, a um drama do poeta frente aos questionamentos da vida expressos através das palavras, de certa maneira buscando “*explicar a deflagração pessoana*” (LIMA, 2013, p. 9), em Manuel António Pina retoma-

⁴ *Presença* foi uma das mais importantes revistas literárias em língua portuguesa no século XX. Teve 54 números publicados entre 1927 e 1940, ano de sua extinção. Sua temática e estética faz parte do que se convencionou chamar de segundo movimento do Modernismo Português.

⁵ Referência a verso do poema “Café do molhe”, presente na obra *Nenhuma palavra e nenhuma lembrança*, de Manuel António Pina, publicada em 1999.

se o abismo de *Orpheu*, de uma literatura “ [...] como palavra que não só canta e transfigura a realidade mas, por assim dizer, a cria” (LOURENÇO, 2016a, p. 656).

De que forma ou estética se utiliza para retomar o voo a que se propõe? “Através do recurso constante à citação, ao *pastiche*, a alusões, ao *remake*, à glosa, ao revivalismo” (SANTOS, 2004, p. 20), características muito pronunciadas no chamado Pós-Modernismo, movimento no qual o autor é muitas vezes encaixado, Pina se encontra com o vazio da busca, com a realidade de que o silêncio resulta do fato de tudo talvez já haver sido dito, o que nos leva à seguinte pergunta: seria o caso, logo, do poeta se calar? De não mais dizer coisa alguma frente ao silêncio e ao *nada*? Aproximamo-nos, aqui, do fim desta reflexão citando o próprio Pina quando nos responde: “Já não é possível dizer mais nada/ mas também não é possível ficar calado./ Eis o verdadeiro rosto do poema” (PINA, 2013, p. 12). Escreve-se em nome de uma utopia, mesmo que tudo se tenha esgotado.

4. REFLEXÕES CONCLUSIVAS

Notamos, através deste breve ensaio, como Manuel António Pina se aproxima e participa da temática Modernista portuguesa, dialoga e carrega as influências de todos aqueles que fizeram parte de seu caminho – e de variados caminhos – e, sobretudo, assume a herança pessoana, lançando mão de uma estética e um formato enquadrados frequentemente como pós-Modernistas, escrevendo sempre em nome de uma utopia:

Certo é que, reiterando a temática utópica em todos os livros que se seguiram a ANF⁶, e apesar do niilismo não se ter desvanecido totalmente, antes adquirindo um carácter activo, tornou-se mais urgente o reconhecimento de que a solução seria usar a linguagem poética como sonda (SANTOS, 2004, p. 27).

Trata-se da utopia da própria escrita, o poema como busca e resultado da busca, manifestando o silêncio como forma poética, o não dizer como maneira de dizer, o reler como maneira de reescrever: “Escrevo aquilo que não posso,/ transformo-me no que proponho destruir./ Já não é Literatura, é uma Fatalidade” (PINA, 2013, p. 68).

⁶ Abreviação utilizada por Santos para se referir à obra *Ainda não é o fim nem o princípio do mundo calma é apenas um pouco tarde*, de Manuel António Pina.

READING MANUEL ANTÓNIO PINA: “É O INFALÁVEL QUE FALA”

ABSTRACT

This essay aims to observe Manuel António Pina’s poetic works in the dual confrontation of the modernist/postmodernist contexts. Some of the metapoetic topics relevant to this author's works are: the awareness that we have come late to literature, that everything has already been written, and yet it is impossible for the poet to be silent, and the perception of poetry as revolution/revelation with/against the plurality of the self.

KEYWORDS: MANUEL ANTÓNIO PINA; METAPOETRY; MODERNISM; CREATIVE SILENCE.

LEYENDO MANUEL ANTÓNIO PINA: “É O INFALÁVEL QUE FALA”

RESUMEN

Este trabajo se dedica a observar la poética de Manuel António Pina en la confrontación bifronte de los contextos modernista/posmodernista. Algunos de los tópicos metapoéticos pertinentes para la obra de este autor, y que se pretende investigar, son: la conciencia de que llegamos tarde a la literatura, de que todo ya fue escrito, pero que, aun así, es imposible que el poeta se cale, y la percepción de la poesía como revolución/revelación con/contra la pluralidad del *yo*.

PALABRAS CLAVE: Manuel António Pina; metapoésia; Modernismo; silencio creativo.

REFERÊNCIAS

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *O nome das coisas*. Lisboa: Caminho, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BASÍLIO, Rita. *Manuel António Pina: uma pedagogia do literário*. Lisboa: Documenta, 2017.

BAUDELAIRE, Charles. O Pintor da Vida Moderna. In: _____. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006. p. 851-881.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se dissolve no ar: a aventura da modernidade*. Lisboa: Edições 70, 2007.

COELHO, Eduardo Prado. A poesia portuguesa contemporânea. In: _____. *A noite do mundo*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988a. p. 113-132.

_____. Pessoa: o viajante do inverso. In: _____. *A noite do mundo*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988b, p. 42-50.

GADAMER, Hans-Georg. Hombre y lenguaje. In: _____. *Verdad y Método II*. Salamanca: Sígueme, 1992. p. 145-152.

GOMES, Luiz Flávio. *A modernidade já está acabando e ainda não chegamos nela*. 2018. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/a-modernidade-ja-esta-acabando-e-ainda-nao-chegamos-nela/>>. Acesso em: 12 set. 2018.

LAGE, Rui. *Manuel António Pina*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016.

LIMA, João Tiago Pedroso de. Prefácio: Descrevendo uma curva fechada. In: FILIPE, Maria Teresa. *Metafísica da Revolução: Poética e política no ensaísmo de Eduardo Lourenço*. Lisboa: Âncora, 2013. p. 7-9. Disponível em: <https://www.academia.edu/20327622/Prefácio_Descrevendo_uma_curva_apertada> Acesso em: 10 set. 2018.

LOURENÇO, Eduardo. Manuel António Pina: a ascese do eu. In: _____. *Obras completas de Eduardo Lourenço, III: Tempo e Poesia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2016a. p. 655-657.

_____. “Orpheu” ou a poesia como realidade. In: _____. *Obras completas de Eduardo Lourenço, III: tempo e poesia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2016b. p. 77-88.

LOURENÇO, Eduardo. “Presença” ou a contra-revolução do modernismo português? In: _____. *Obras completas de Eduardo Lourenço, III: tempo e poesia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2016c. p. 145-160.

PINA, Manuel António. *Dito em voz alta: entrevistas sobre literatura, isto é, sobre tudo*. Coimbra: Pé de Página, 2007.

_____. *Todas as palavras: poesia reunida*. 3. ed. Porto: Assírio & Alvim, 2013.

SANTOS, Inês Fonseca. *A poesia de Manuel António Pina: o encontro do escritor com o seu silêncio*. Lisboa: Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa, 2004.

Submetido em 30 de dezembro de 2018

Aceito em 05 de fevereiro de 2019

Publicado em 28 de maio de 2019
